

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal Empobrecido e Aristocrático

Publicado em 2026-07-20 08:59:00



Fragmentos do Caos | Crónica Económica e Social

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O país onde crescem os milionários, encoime a classe média e o trabalho perdeu a corrida contra o património

Portugal descobriu agora, com espanto jornalístico e ar de revelação bíblica, que o número de milionários cresce enquanto o português mediano empobrece. É sempre comovente ver a imprensa descobrir a realidade depois de ela já ter passado anos a bater à porta, tocar à campainha, deixar aviso postal e, por fim, partir a janela.

Segundo dados da UBS citados pelo ECO, Portugal tinha 181 mil milionários em dólares em 2025, mais 6 mil do que no ano anterior. Ao mesmo tempo, a riqueza mediana por adulto caiu 5,4% em termos reais, para 76.978 dólares, ficando 4,4% abaixo do nível de há cinco anos, ajustada pela inflação e expressa em moeda local. A riqueza média por adulto, porém, estava nos 195.761 dólares. A diferença entre média e mediana é aqui o retrato técnico da desigualdade: a média sorri no relatório; a mediana paga a renda.

Esta é a nova aristocracia portuguesa: não usa necessariamente brasão, cavalo ou solar antigo, embora alguns ainda tentem; usa activos, imóveis, heranças, fundos, sociedades patrimoniais, rendas, alojamento local,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal tornou-se um país onde o património dos que já tinham sobe mais depressa do que a esperança dos que ainda trabalham.

A riqueza que sobe sem levantar o país

Convém começar por uma distinção simples, para não ofender os altares da aritmética: criar milionários não é, por si só, um problema. Um país desenvolvido deve permitir que pessoas criem riqueza, empresas, tecnologia, indústria, ciência, propriedade intelectual, exportações e valor. O problema começa quando a riqueza cresce sobretudo por valorização de activos escassos, especialmente imobiliários, enquanto os salários, a produtividade e a mobilidade social continuam a arrastar-se pela cave do edifício económico.

A UBS assinala que os milionários portugueses estão muito expostos a propriedade e outros activos não financeiros, com os activos financeiros a representarem apenas 37% dos seus activos brutos, uma das proporções mais baixas entre os mercados analisados. Isto ajuda a explicar a natureza da riqueza portuguesa: menos Silicon

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O país não está a enriquecer de forma estrutural. Está a valorizar posições patrimoniais. Quem tinha casa viu riqueza. Quem precisava de casa viu muro. Quem tinha capital viu oportunidade. Quem tinha salário viu supermercado, prestação, renda, IMI, seguros, energia, transportes e uma colecção cada vez mais criativa de pequenas facadas mensais. A economia chama a isto ajustamento de mercado. O cidadão chama-lhe sobrevivência com recibo electrónico.

A aristocracia sem título, mas com escritura

Portugal aboliu formalmente a aristocracia política hereditária, mas conservou uma versão moderna e mais discreta: a aristocracia patrimonial. Não precisa de sangue azul. Basta ter herdado no sítio certo, comprado antes da explosão dos preços, beneficiado da valorização urbana, entrado cedo no mercado imobiliário ou participado nos círculos onde a informação chega sempre antes da justiça social.

Esta aristocracia contemporânea não vive necessariamente de castelos; vive de diferenciais. Diferencial entre quem herdou e quem tem de comprar.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

casa cujo preço já fugiu da economia real como um deputado foge a uma pergunta simples.

A consequência é profunda: Portugal está a deixar de ser uma sociedade de mobilidade para voltar a ser uma sociedade de posição. O ponto de partida conta cada vez mais. A família onde se nasceu, a casa que se herdou, o património acumulado pelos pais, a localização do imóvel, a rede social, o acesso ao crédito e a proximidade aos centros de decisão valem cada vez mais do que o esforço individual. O mérito continua a ser elogiado nos discursos, naturalmente. Fica sempre bonito numa cerimónia. Depois, no mercado real, entra pela porta lateral e senta-se ao fundo.

O salário que trabalha, mas não chega

Os salários reais cresceram em 2025, segundo dados do INE divulgados pelo GEE: a remuneração bruta total mensal média por trabalhador subiu para 1.694 euros, com crescimento real de 3,2%. É uma boa notícia. Mas uma boa notícia isolada não repara décadas de atraso acumulado, nem resolve uma estrutura económica onde o

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

ganhar pouco num país onde o essencial ficou caro. A habitação deixou de ser abrigo e tornou-se produto financeiro. A renda deixou de ser uma despesa e tornou-se um tributo feudal moderno. A compra de casa deixou de ser projecto de vida e passou a ser prova olímpica para casais com fiadores, planilhas, renúncias e uma fé quase religiosa na Euribor.

A OCDE é clara: os desafios estruturais do mercado de habitação português, agravados por uma procura renovada, comprometeram a acessibilidade. Muitas pessoas têm dificuldade em comprar ou arrendar casa, pagar a prestação, mudar de residência ou investir na melhoria da habitação. Os jovens são particularmente afectados. Traduzindo: o país pede aos jovens que fiquem, que tenham filhos, que empreendam, que inovem e que salvem a Segurança Social, mas oferece-lhes rendas de capital europeia com salários de periferia obediente.

O jovem português não foge apenas do país; foge de uma equação impossível onde o salário é nacional, a renda é internacional e o futuro vem sempre com caução.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A velha promessa democrática dizia que estudar, trabalhar e poupar bastaria para melhorar de vida. Em Portugal, essa promessa está cada vez mais fragilizada. Não porque o estudo tenha deixado de importar, nem porque o trabalho tenha perdido valor moral, mas porque o património passou a correr com sapatos de carbono enquanto o salário continua descalço na estrada municipal.

Quando a valorização imobiliária supera largamente a progressão salarial, o país muda de natureza. Deixa de premiar sobretudo a produção e passa a premiar a posse. Deixa de incentivar a criação de valor e passa a proteger a captura de valor. A riqueza deixa de nascer principalmente do que se constrói e passa a nascer do que se detém. É a velha aristocracia com linguagem de mercado: em vez de morgadios, carteiras imobiliárias; em vez de rendas senhoriais, contratos de arrendamento; em vez de terras herdadas, activos valorizados por escassez política.

Não há sociedade decente que aguento indefinidamente este desequilíbrio. Se o trabalho não permite mobilidade, a democracia perde credibilidade. Se a habitação consome a esperança, a natalidade afunda. Se os jovens qualificados emigram, a produtividade futura enfraquece. Se a classe média se sente espremida entre

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

económica. A humanidade, esse software com bugs recorrentes.

O país que parece crescer mas não converge

Portugal tem apresentado alguns indicadores macroeconómicos positivos: crescimento, contas públicas mais equilibradas, desemprego baixo, melhoria salarial recente. Tudo isto conta. A realidade não deve ser tratada com a brutalidade de quem só aceita más notícias para confirmar a sua irritação matinal. Mas o essencial permanece: Portugal continua abaixo da média europeia em nível de vida e produtividade.

O FMI, na avaliação de 2026, reconhece o bom desempenho recente da economia portuguesa, mas alerta para desafios estruturais persistentes: níveis de vida ainda bem abaixo da média da União Europeia, dívida pública elevada e preços da habitação a pesar fortemente sobre as famílias. A Comissão Europeia e o Eurostat colocam Portugal ainda abaixo da média europeia em PIB per capita medido em paridades de poder de compra. O país

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

ainda assim, continuar estruturalmente empobrecido. Pode aumentar o número de milionários e, ainda assim, reduzir a segurança material do cidadão mediano. Pode atrair capital estrangeiro e, simultaneamente, expulsar jovens portugueses do centro das cidades. Pode celebrar investimento imobiliário e destruir coesão social. Pode ter restaurantes cheios em Lisboa e famílias a fazer contas ao fim do mês em Almada, Setúbal, Barreiro, Braga, Viseu ou no interior esquecido.

O turismo, os fundos e a ilusão da prosperidade

Durante anos, Portugal vendeu-se como destino: bom clima, segurança, comida, paisagem, simpatia, baixos custos relativos e uma população altamente treinada na arte de servir com dignidade enquanto recebe pouco. O turismo ajudou a economia, criou emprego e trouxe receitas. Seria absurdo negá-lo. Mas quando um país confunde turismo com estratégia nacional, começa a comportar-se como empregado de mesa de si próprio.

O Banco de Portugal assinalava, no Boletim Económico de outubro de 2025, sinais de abrandamento no crescimento das exportações de turismo e uma evolução

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

fragilidade com postal bonito.

O mesmo vale para os fundos europeus. Portugal recebeu, recebe e continuará a receber verbas relevantes. Mas fundos não são estratégia; são instrumento. Quando usados para modernizar tecido produtivo, ciência, tecnologia, qualificações, energia, indústria e administração pública, podem transformar o país. Quando usados para alimentar burocracias, consultorias, projectos repetidos, obras de circunstância e dependências locais, tornam-se fertilizante para o mesmo jardim murcho de sempre.

A pobreza que as estatísticas suavizam

Os indicadores de pobreza têm melhorado em alguns aspectos, e isso deve ser reconhecido. A Fundação Francisco Manuel dos Santos, analisando dados do ICOR 2025, assinala reduções em vários indicadores, incluindo a diminuição do coeficiente de Gini e da desigualdade de rendimento. Mas o mesmo retrato mostra que Portugal permanece entre os países mais desiguais da União Europeia e que cerca de dois milhões de pessoas, 18,6% da

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

pobreza vivida. A estatística mede rendimento, privação, risco, desigualdade. A vida mede o frigorífico, a consulta adiada, o dente por tratar, a renda em atraso, o filho que não sai de casa, o idoso que aquece apenas uma divisão, o trabalhador que não tem fundo de emergência, o casal que não arrisca ter filhos, o licenciado que aceita salário de sobrevivência porque lhe disseram que “é preciso começar por baixo”. Em Portugal, começar por baixo é tradição; subir é que se tornou excentricidade.

A FFMS nota ainda que 29,2% dos inquiridos não tinham capacidade para pagar uma despesa inesperada próxima do valor da linha de pobreza do inquérito anterior, 15,6% não conseguiam manter a casa adequadamente aquecida, e 33,1% não tinham capacidade para pagar uma semana de férias por ano fora de casa. Isto não é miséria absoluta. É fragilidade estrutural. É a classe média a viver com verniz europeu e fundações de barro.

O Estado fiscalmente pesado e socialmente cansado

O português médio sente o Estado como presença constante e solução distante. O Estado aparece no imposto, na taxa, na contribuição, na coima, no

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

torna-se uma entidade metafísica: existe, mas manifesta-se tarde.

Este desequilíbrio alimenta a percepção de injustiça. O cidadão paga como europeu, recebe muitas vezes como periférico e é tratado como incómodo administrativo. A carga fiscal sobre o trabalho, a rigidez burocrática, a lentidão judicial e a baixa qualidade de muitos serviços públicos criam uma sensação de contrato social avariado. O país exige maturidade fiscal aos cidadãos, mas oferece demasiadas vezes infantilidade institucional.

Numa economia aristocrática, o Estado devia corrigir desigualdades de partida. Em Portugal, demasiadas vezes acaba por consolidá-las. Quem tem meios contorna a lentidão. Quem tem património resiste melhor aos choques. Quem tem contactos encontra atalhos. Quem depende apenas do serviço público, do salário e da regra geral espera. E esperar, em Portugal, é quase uma identidade nacional.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A grande fractura portuguesa já não é apenas entre esquerda e direita. É entre quem herdou e quem tem de começar. Entre quem comprou antes e quem chegou depois. Entre quem recebe rendas e quem paga rendas. Entre quem tem activos e quem tem recibos. Entre quem pode esperar e quem não tem tempo.

Por isso, Portugal está a transformar-se num país simultaneamente envelhecido, rentista e exportador de juventude. Exportamos jovens qualificados, importamos capital patrimonial, valorizamos imóveis, pressionamos rendas, degradamos a mobilidade social e depois organizamos debates sobre a falta de natalidade. É uma obra-prima de incoerência nacional: primeiro retiramos futuro às pessoas, depois perguntamos porque é que elas não produzem futuro em formato bebé.

Uma sociedade que obriga os filhos a emigrar para terem carreira e espera que regressem para pagar impostos é menos uma nação e mais uma plataforma logística de talentos. Forma, expulsa, lamenta e celebra quando um português tem sucesso lá fora. A seguir faz um painel sobre “reter talento”. Convém talvez começar por não o expulsar com salários baixos, casas impossíveis e carreiras fechadas por compadrios discretos.



A modernização sem mobilidade social é maquilhagem

Portugal tem fibra óptica, auto-estradas, universidades, hospitais, aeroportos, centros tecnológicos, startups, nómadas digitais, eventos internacionais, restaurantes premiados, cidades reabilitadas e discursos lindíssimos sobre inovação. Mas uma sociedade não é moderna por ter aplicações no telemóvel. É moderna quando permite que o trabalho qualificado se transforme em autonomia, que a juventude compre ou arrende casa, que a justiça funcione, que a escola reduza desigualdades e que a economia premie criação de valor em vez de proximidade ao activo certo.

A modernização portuguesa tem sido muitas vezes estética. Pintam-se fachadas, digitalizam-se formulários, criam-se programas, fundos, agendas, estratégias, observatórios e pactos. Mas no fundo permanece a pergunta essencial: consegue uma pessoa comum, sem herança relevante, sem contactos, sem património inicial e vivendo apenas do seu trabalho, construir uma vida segura

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

capacidade de converter trabalho em dignidade, educação em mobilidade, impostos em serviços, poupança em segurança, talento em oportunidade e crescimento em coesão. Se o crescimento aumenta patrimónios no topo mas deixa o cidadão mediano mais frágil, então não estamos perante progresso. Estamos perante concentração com banda sonora institucional.

O que teria de mudar

Portugal precisa de abandonar a economia da extracção patrimonial e construir uma economia de produção qualificada. Isso exige uma política industrial moderna, investimento em tecnologia, energia competitiva, ciência aplicada, empresas com escala, capital paciente, reforma da justiça económica, educação exigente, administração pública competente e habitação tratada como infra-estrutura social, não apenas como classe de activo.

É necessário aumentar a produtividade não por sermões aos trabalhadores, mas por investimento, gestão, tecnologia, formação, escala empresarial, inovação e melhor organização do Estado. É necessário reformar o mercado de habitação aumentando oferta, mobilizando casas devolutas, combatendo uso especulativo, reforçando

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

servil perante o património.

Sobretudo, é necessário reconstruir a ideia de futuro. Um país onde o cidadão mediano empobrece enquanto os milionários aumentam não deve contentar-se com o brilho estatístico do topo. Deve perguntar que tipo de riqueza está a criar, para quem, com que base produtiva e com que consequências sociais. Porque a riqueza que não alarga a liberdade colectiva transforma-se em privilégio. E o privilégio, quando se instala, raramente sai por vontade própria. Tem sempre muito apego ao sofá.

Conclusão: a república das rendas

Portugal não é pobre por destino. É empobrecido por escolhas, omissões, prioridades erradas e décadas de uma economia demasiado confortável com a baixa produtividade, o rentismo, a dependência, o favor e a resignação. O país tem talento, localização, conhecimento, cultura, segurança, capacidade técnica e gente suficiente para ser muito mais do que uma estância simpática para capitais externos e uma fábrica de emigrantes qualificados.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

inovação e a produção voltem a permitir mobilidade real. O primeiro caminho é cómodo para quem já tem. O segundo é difícil, exige coragem e mexe em interesses instalados. Portanto, naturalmente, será o que mais assusta a classe dirigente portuguesa, esse monumento vivo à prudência quando há privilégios a incomodar.

O país dos milionários crescentes e do cidadão mediano empobrecido não é um milagre económico. É um aviso. Um aviso de que o património está a separar-se do trabalho, a riqueza do rendimento, a cidade dos seus habitantes, a política da vida concreta e o futuro dos jovens que ainda insistem em acreditar.

Portugal ainda pode mudar. Mas não mudará enquanto confundir valorização imobiliária com desenvolvimento, turismo com estratégia, fundos europeus com visão, salários médios com vida digna e crescimento estatístico com justiça social. Um país não se mede apenas pelo número de milionários que consegue contar. Mede-se pelo número de cidadãos que consegue libertar da precariedade, da dependência e do medo de não chegar ao fim do mês.

Quando a riqueza sobe nos relatórios e a esperança desce nas casas, a economia deixou de ser instrumento da

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Aletheia Veritas

para Fragmentos do Caos

Referências

1. UBS, “Global Wealth Report 2026”.
<https://www.ubs.com/global/en/wealthmanagement/insights/global-wealth-report.html>
2. ECO News, “Portugal adds 6,000 new millionaires in 2025, UBS says”, 30 de Junho de 2026.
<https://econews.pt/2026/06/30/portugal-adds-6000-new-millionaires-in-2025-ubs-says/>
3. Reuters, “Nearly one million people worldwide became millionaires in 2025, UBS report finds”, 30 de Junho de 2026.
<https://www.reuters.com/markets/wealth/nearly-one-million-people-worldwide-became-millionaires-2025-ubs-report-finds-2026-06-30/>
4. FMI, “Portugal: Staff Concluding Statement of the 2026 Article IV Mission”, 6 de Maio de 2026.
<https://www.imf.org/en/news/articles/2026/05/06/mcs-05062026-portugal-staff-concluding-statement-of-the-2026-article-iv-mission>

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

challenge: promoting sustainable and inclusive housing”, 2026.

https://www.oecd.org/en/publications/oecd-economic-surveys-portugal-2026_025b3445-en/full-report/tackling-portugal-s-housing-affordability-challenge-promoting-sustainable-and-inclusive-housing_c920df36.html

7. Eurostat, “PPPs for GDP per capita in 2025:

preliminary estimates”, 25 de Março de 2026.

<https://ec.europa.eu/eurostat/web/products-eurostat-news/w/ddn-20260325-1>

8. GEE / INE, “Remuneração bruta mensal por trabalhador”, 13 de Fevereiro de 2026.

<https://www.gee.gov.pt/pt/indicadores-diarios/ultimos-indicadores/34904-remuneracao-bruta-mensal-por-trabalhador-ine-22>

9. Banco de Portugal, “Boletim Económico — Outubro 2025”.

<https://www.bportugal.pt/publicacao/boletim-economico-outubro-2025>

10. Fundação Francisco Manuel dos Santos, “A pobreza e a desigualdade estão a diminuir?”, 2025.

<https://ffms.pt/pt-pt/estudos/pobreza-e-desigualdade-estao-diminuir>

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

👁 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)